

CUIDADO COM O QUE DESEJAS

JEFFREY ARCHER

AS CRÓNICAS DE CLIFTON

VOLUME QUATRO

# CUIDADO COM O QUE DESEJAS

Tradução de  
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

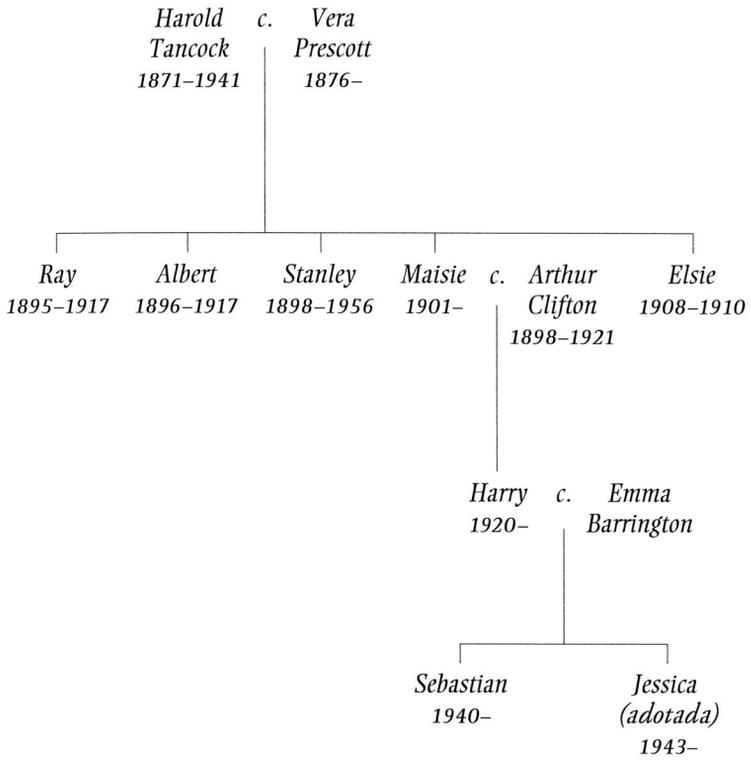
Lisboa 2016

Para  
GWYNETH

Os meus agradecimentos vão para as seguintes pessoas,  
pelos seus preciosos conselhos e pesquisa:  
Simon Bainbridge, Eleanor Dryden,  
Professor Ken Howard RA, Cormac Kinsella,  
Museu Nacional Ferroviário, Bryan Organ, Alison Prince,  
Mari Roberts, Dr. Nick Robins,  
Shu Ueyama, Susan Watt e Peter Watts.



OS CLIFTON



## PRÓLOGO

Sebastian agarrou o volante do pequeno *MG* com mais força. O camião atrás dele tocou no para-choques traseiro e projetou o carro para a frente, fazendo voar a placa de matrícula. Sebastian tentou avançar mais uns quantos centímetros, mas não podia ir mais depressa sem bater no camião da frente e ficar esmagado entre os dois como uma concertina.

Passados alguns segundos, foram impelidos para a frente uma segunda vez quando o camião atrás deles bateu na traseira do *MG* com mais força, fazendo-o ficar a trinta centímetros do camião da frente. Só quando o camião de trás lhes bateu uma terceira vez é que as palavras de Bruno, *Tens a certeza de que estás a tomar a decisão certa?* vieram à cabeça de Sebastian. Olhou de relance para o seu amigo Bruno, que estava lívido de medo, agarrado ao painel de instrumentos com ambas as mãos.

— Estão a tentar matar-nos — gritou ele. — Por amor de Deus, Seb, faz alguma coisa!

Sebastian olhou impotente para as faixas de rodagem no sentido sul e viu uma correnteza de veículos que rolava na direção oposta.

Quando o camião da frente começou a abrandar, soube que se queriam ter alguma hipótese de sobreviver, tinha de tomar uma decisão, e de tomá-la rapidamente. Olhou para o outro lado da estrada, desesperadamente à procura de um intervalo no trânsito. Quando o camião de trás lhe bateu uma quarta vez, soube que não tinha outra opção.

Guinou o volante com firmeza para a direita e atravessou a alta velocidade o separador relvado em direção aos veículos que vinham

em sentido contrário. Sebastian pisou o acelerador a fundo e rezou para conseguirem chegar à segurança dos vastos campos que se estendiam à sua frente antes de serem atingidos por um carro.

Uma carrinha e um carro travaram e guinaram para evitar o pequeno *MG* enquanto este atravessava a estrada disparado à frente deles. Por um momento, Sebastian pensou que era capaz de conseguir, até ver a árvore surgir ameaçadoramente à sua frente. Levantou o pé do acelerador e virou o volante para a esquerda, mas era demasiado tarde. A última coisa que Sebastian ouviu foi Bruno a gritar.

HARRY E EMMA

1957-1958

Harry Clifton foi despertado pelo som do telefone a tocar.

Estava a meio de um sonho, mas não conseguia lembrar-se sobre o quê. Talvez o insistente som metálico fizesse parte do sonho. Virou-se com relutância e pestanejou diante dos ponteiros verdes fosforescentes do relógio de cabeceira: 6h43. Sorriu. Só havia uma pessoa capaz de lhe telefonar àquela hora da manhã. Agarrou no telefone e murmurou em voz exageradamente sonolenta:

— Bom dia, minha querida. — Não houve resposta imediata e Harry ainda pensou, por um momento, se a telefonista teria passado a chamada para o quarto errado. Preparava-se para pousar o auscultador quando ouviu soluçar. — És tu, Emma?

— Sim — foi a resposta.

— O que é que se passa? — perguntou ele suavemente.

— O Sebastian morreu.

Harry não respondeu de imediato, pois agora queria acreditar que ainda estava a sonhar.

— Como é isso possível? — acabou por dizer. — Ainda ontem falei com ele.

— Morreu esta manhã — disse Emma, manifestamente incapaz de pronunciar mais do que algumas palavras de cada vez.

Harry sentou-se muito direito, subitamente desperto.

— Num acidente de carro — continuou Emma entre soluços.

Harry tentou permanecer calmo enquanto esperava que ela lhe contasse exatamente o que tinha acontecido.

— Eles iam juntos para Cambridge.

— Eles? — repetiu Harry.

— Sebastian e Bruno.

— O Bruno está vivo?

— Sim, mas está num hospital em Harlow e não têm a certeza se conseguirá sobreviver a esta noite.

Harry atirou o cobertor para trás e pôs os pés na alcatifa. Estava a tiritar e sentia-se maldisposto.

— Vou apanhar imediatamente um táxi para o aeroporto e embarcar no primeiro voo para Londres.

— Eu vou diretamente para o hospital — disse Emma. Não acrescentou mais nada e Harry ainda pensou por um momento que a chamada tinha caído. Depois, ouviu-a sussurrar: — Precisam de alguém para identificar o corpo.

Emma pousou o auscultador, mas levou algum tempo até reunir energia suficiente para se levantar. Lá acabou por atravessar a sala em passo incerto, agarrando-se a várias peças de mobília, como um marinhheiro durante uma tempestade. Abriu a porta da sala e deu com Marsden espedado no átrio, de cabeça baixa. Ela nunca tinha visto o velho criado demonstrar a mais pequena emoção em frente de um membro da família e mal reconheceu a figura encolhida que se agarrava agora à armação da lareira para se amparar; a habitual máscara de serenidade tinha sido substituída pela cruel realidade da morte.

— A Mabel fez-lhe a mala para uma noite, minha senhora — balbuciou ele —, e, se me permitir, eu levo-a de carro ao hospital.

— Obrigada, Marsden, é muito amável da sua parte — disse Emma enquanto ele lhe abria a porta da rua.

Marsden deu-lhe o braço enquanto desciam os degraus em direção ao carro; era a primeira vez que ele tocava na patroa. Abriu a porta, e ela entrou e deixou-se cair na poltrona de pele, como se fosse uma mulher idosa. Marsden ligou a ignição, meteu a primeira e iniciou a longa viagem de Manor House até ao Princess Alexandra Hospital, em Harlow.

Emma apercebeu-se de repente de que não tinha telefonado aos irmãos para lhes dizer o que tinha acontecido. Ia telefonar a Grace e

Giles nessa noite, quando era mais provável encontrá-los sozinhos. Aquilo não era coisa que quisesse partilhar na presença de estranhos. E depois sentiu uma dor lancinante no abdómen, como se tivesse sido apunhalada. Quem ia dizer a Jessica que nunca mais ia ver o irmão? Alguma vez voltaria a ser a mesma rapariguinha alegre que andava sempre atrás de Seb como um cachorro obediente, a abanar a cauda com adoração incontida? Jessica não devia saber a notícia pelos lábios de outra pessoa, o que significava que Emma teria de regressar o mais depressa possível a Manor House.

Marsden parou junto à garagem local, onde abastecia normalmente o carro à sexta-feira à tarde. Quando o empregado da bomba viu a senhora Clifton sentada no banco de trás do *Austin A30* verde, levou a mão ao boné. Ela pareceu não o ver, e o jovem ficou a pensar se teria feito alguma coisa de mal. Encheu o depósito e depois levantou o capô para verificar o óleo. Depois de fechá-lo, voltou a levar a mão ao boné, mas Marsden arrancou sem uma palavra e sem lhe deixar a habitual moeda de seis dinheiros.

— O que lhes deu? — murmurou o jovem enquanto o carro desaparecia de vista.

De volta à estrada, Emma tentou recordar as palavras exatas que o tutor de admissões da Faculdade de Peterhouse tinha usado quando lhe dera a notícia de forma titubeante. *Lamento ter de a informar, senhora Clifton, que o seu filho morreu num acidente de carro.* Para além daquele simples enunciado, o senhor Padgett parecia saber muito pouco — mas a verdade, como ele próprio explicara, é que não passava do mensageiro.

A cabeça de Emma estava cheia de perguntas. Porque é que o filho tinha ido de carro para Cambridge, quando ela lhe tinha comprado um bilhete de comboio dois dias antes? Quem é que ia a conduzir, Sebastian ou Bruno? Iriam demasiado depressa? Teria rebentado algum pneu? Havia mais algum carro envolvido? As perguntas eram tantas, mas duvidava que alguém soubesse todas as respostas.

Alguns minutos depois de o tutor ter telefonado, a polícia também ligara a perguntar se o senhor Clifton podia ir ao hospital para identificar o corpo. Emma explicou que o marido estava em Nova

torque numa digressão literária. Era capaz de não ter concordado em tomar o seu lugar se tivesse percebido que ele estaria de volta a Inglaterra no dia seguinte. Graças a Deus que vinha de avião e não teria de passar cinco dias a fazer a travessia do Atlântico e a chorar sozinho.

Enquanto Marsden passava por cidades desconhecidas — Chippenham, Newbury, Slough — Don Pedro Martinez interrompeu os pensamentos de Emma por mais de uma vez. Seria possível que ele estivesse a procurar vingar-se do que tinha acontecido em Southampton algumas semanas antes? Mas se a outra pessoa que estava no carro era o seu filho Bruno, isso não fazia sentido. Os pensamentos de Emma voltaram a Sebastian, ao mesmo tempo que Marsden saía de Great West Road e virava para norte, em direção à A1; a estrada por onde Sebastian viajara apenas algumas horas antes. Emma tinha lido uma vez que, em alturas de tragédia pessoal, a única coisa que as pessoas queriam era fazer recuar o tempo. Ela não era diferente.

A viagem fez-se rapidamente, já que Sebastian raramente lhe saía da cabeça. Recordou o seu nascimento, quando Harry estava na prisão do outro lado do mundo; os seus primeiros passos aos oito meses e quatro dias; a sua primeira palavra, «Mais», e o seu primeiro dia de escola, quando saltou do carro ainda antes de Harry ter tido tempo de travar; e depois, mais tarde, na Beechcroft Abbey, quando o diretor tinha querido expulsá-lo, mas cancelara a punição depois de ele ganhar uma bolsa para Cambridge. Tanta expectativa para o futuro, tanta coisa para concretizar, e tudo terminara num momento. E, finalmente, o terrível erro que cometera ao permitir que o secretário do Gabinete a convencesse a deixar Seb envolver-se nos planos do executivo para levar Don Pedro Martinez à justiça. Se tivesse recusado o pedido de Sir Alan Redmayne, o seu único filho ainda estaria vivo. Se, se...

Quando chegaram aos arredores de Harlow, Emma olhou de relance pela janela lateral e viu uma placa que indicava a direção do Princess Alexandra Hospital. Tentou concentrar-se naquilo que esperavam dela. Passados alguns minutos, Marsden transpôs uns portões em ferro forjado que nunca se fechavam, antes de parar junto à entrada principal

do hospital. Emma saiu do carro e começou a andar em direção à porta, enquanto Marsden ia à procura de um lugar para estacionar.

Ela deu o nome à jovem rececionista e o sorriso alegre no rosto da rapariga deu lugar a uma expressão condoída.

— Se fizer a gentileza de aguardar um momento, senhora Clifton... — disse ela ao mesmo tempo que pegava no telefone. — Vou avisar o senhor Owen de que está aqui.

— Senhor Owen?

— Era o médico de serviço quando o seu filho deu entrada, esta manhã.

Emma acenou com a cabeça e começou a andar impacientemente de um lado para o outro no corredor, as memórias confusas substituídas por pensamentos igualmente confusos. *Quem, porquê, quando...* Só parou de andar de um lado para o outro quando uma enfermeira de gola engomada e elegantemente vestida perguntou:

— É a senhora Clifton?

Emma acenou afirmativamente.

— Faça o favor de me acompanhar.

A enfermeira levou Emma ao longo de um corredor de paredes verdes. Não trocaram uma palavra. Mas também o que é que qualquer das duas poderia dizer? Pararam junto de uma porta que exibia o nome «William Owen, cirurgião». A enfermeira bateu, abriu a porta e afastou-se para o lado para deixar Emma entrar.

Um homem alto, magro e calvo, com o ar lúgubre de um cangaileiro, levantou-se da secretária. Emma perguntou a si mesma se aquele rosto alguma vez sorriria.

— Boa tarde, senhora Clifton — disse ele, antes de a encaminhar para a única cadeira confortável que havia no gabinete. — Lamento imenso o facto de nos conhecermos em circunstâncias tão tristes — acrescentou.

Emma sentiu pena do pobre homem. Quantas vezes por dia teria ele de dizer aquelas mesmas palavras? Pela sua expressão, as coisas não se iam tornando mais fáceis.

— Receio que haja uma série de papelada para preencher, mas temo que o médico-legista exija uma identificação formal antes de podermos pensar nisso.

Emma inclinou a cabeça e desatou a chorar, desejando ter acatado a sugestão de Harry e tê-lo deixado realizar aquela insuportável tarefa. O senhor Owen saltou de trás da secretária, agachou-se ao lado dela e disse:

— Sinto muito, senhora Clifton.

Harold Guinzburg não podia ter sido mais atencioso e solícito.

O editor de Harry tinha-lhe marcado passagem no primeiro voo disponível para Londres, em primeira classe. Pelo menos, estaria confortável, pensou Harold, embora achasse que o pobre homem não ia conseguir dormir. Decidiu que aquela não era a altura certa para lhe dar as boas notícias, limitando-se a pedir a Harry que transmitisse a Emma as suas sentidas condolências.

Quando Harry saiu do Pierre Hotel quarenta minutos depois, encontrou o motorista de Harold à sua espera no passeio para o levar ao Aeroporto de Idlewild. Harry subiu para o banco de trás da limusina, pois não lhe apetecia falar com ninguém. Instintivamente, os seus pensamentos viraram-se para Emma e para aquilo que ela devia estar a passar. Não gostava da ideia de ela ter de identificar o corpo do filho. Talvez o pessoal do hospital sugerisse que ela esperasse até ele voltar.

Harry nem pensou no facto de estar entre os primeiros passageiros a atravessar o Atlântico num voo directo, pois só conseguia pensar no filho e no quanto ele ansiava por ir para Cambridge para iniciar o seu primeiro ano na universidade. E depois disso... presumira que com o dom natural de Seb para as línguas, ia querer ingressar no Ministério dos Negócios Estrangeiros ou ser tradutor, ou até professor, ou...

Depois de o *Comet* ter descolado, Harry rejeitou a taça de champanhe oferecida pela hospedeira sorridente, mas como é que ela havia de saber que ele não tinha razões para sorrir? Não explicou porque é que não queria comer nem dormir. Durante a guerra, quando estava atrás das linhas inimigas, Harry tinha-se treinado para estar acordado durante trinta e seis horas, resistindo apenas à custa da adrenalina do medo. Sabia que não seria capaz de dormir até ter visto o filho pela

última vez, e suspeitava que não o faria durante bastante tempo depois disso: a adrenalina do desespero.

O médico levou Emma em silêncio ao longo de um corredor sombrio até pararem junto a uma porta hermeticamente fechada, exibindo a simples palavra *Morgue* apropriadamente inscrita a preto no painel de vidro martelado. O senhor Owen abriu a porta e afastou-se para o lado para deixar Emma entrar. A porta fechou-se atrás dela com um som abafado. A brusca mudança de temperatura fê-la tremer de frio, e depois os seus olhos fixaram-se numa maca com rodas que estava no meio da sala. A ténue silhueta do corpo do filho era visível debaixo do lençol.

Junto à cabeceira da maca, estava um auxiliar de bata branca, mas não falou.

— Está pronta, senhora Clifton? — perguntou docemente o senhor Owen.

— Sim — disse Emma com firmeza, com as unhas cravadas nas palmas das mãos.

Owen fez um aceno de cabeça e o agente funerário puxou o lençol para trás, revelando um rosto dilacerado e cheio de hematomas que Emma reconheceu de imediato. Ela gritou, caiu de joelhos e começou a soluçar de forma descontrolada.

O senhor Owen e o agente funerário não ficaram surpreendidos com a reação previsível de uma mãe ao ver o filho morto, mas ficaram chocados quando ela disse baixinho:

— Não é o Sebastian.